

Experimentando a indissociabilidade na prática, em sala de aula

Living inseparability in practice, at classroom

Inseparabilidad experimentada en el aula, en la práctica

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



Mário Messagi

Doutor em Comunicação e professor do departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

messagi@ufpr.br

Recebido em: 20/07/2020

Aceito em: 10/08/2020

DOI: 10.46952/rebej.v10i26.308

RESUMO

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão nas universidades brasileiras é um princípio constitucional inquestionável, mas muito difícil de implementar. Na extensão, há alguns avanços, mas a integração da pesquisa com o ensino, sobretudo de graduação, ainda é um grande desafio. Este relato apresenta uma experiência de construção coletiva de um banco de dados sobre posicionamento ideológico e gosto musical, feito em sala de aula, com duas turmas de Teoria da Comunicação. Os alunos foram organizados em grupos, onde cada membro tinha uma função específica no processo de pesquisa e tinham que trabalhar, ao mesmo tempo, com outros alunos de outros grupos com a mesma função e também com o seu próprio grupo. Ao final, foram coletadas 12700 respostas, ultrapassando todas as expectativas iniciais. Isto produziu um banco de dados consistente e ofereceu experiência mais próxima da realidade.

PALAVRAS-CHAVE

Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Escola de Frankfurt. Pesquisa quantitativa.

ABSTRACT

The inseparability between lecturing, research and extension in Brazilian universities is an unquestionable constitutional principle, but not so easy to do effectively. There are some advances in extension policies, but the integration of research with lecturing is still a great challenge. This report presents an experience of collective construction of a database on ideological positioning and musical taste, done in the classroom, with two classes of discipline Theory of Communication. The students were organized in groups, where each member had a specific role in the research process and had to work with other students from other groups with the same function and also with their own group. As a result, 12700 responses were collected, overcoming our initial expectations at all. This one produced a consistent database and offered experience that was closer to reality.

KEYWORDS

Indissociability between lecturing, research and extension. Frankfurt thought. Quantitative research.

RESUMEN

La inseparabilidad entre enseñanza, investigación y extensión en las universidades brasileñas es un principio constitucional incuestionable, pero muy difícil de implementar. En las políticas de extensión, hay algunos avances, pero la integración de la investigación con la enseñanza, sobre todo de gradación, sigue siendo un gran desafío. Este relato presenta una experiencia de construcción colectiva de un banco de datos sobre posicionamiento ideológico y gusto musical, hecho en aula, con dos clases de Teoría de la Comunicación. Los alumnos fueron organizados en grupos, donde cada miembro tenía una función específica en el proceso de investigación y tenían que trabajar al mismo tiempo con otros alumnos de otros grupos con la misma función y también con su propio grupo. Al final, se recogieron 12700 respuestas, superando todas las expectativas iniciales. Esto produjo una base de datos consistente y ofreció una experiencia más cercana a la realidad.

PALABRAS CLAVE

Inseparabilidad entre enseñanza, investigación y extensión. Escuela de Frankfurt. Investigación cuantitativa.

1 INTRODUÇÃO

Indissociabilidade na lei

O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão norteia as universidades públicas brasileiras desde 1988, quando passou a constar da nossa lei máxima. Diz o artigo 207 da Constituição Federal: *“As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.”*

Como princípio, é inatacável e, segundo Gaiofatto (2015), se consolidou ao longo do tempo, mas não está plenamente implementado na formação acadêmica e nas ações docentes e institucionais. Ou seja, como prática cotidiana das universidades, apesar dos avanços, é uma meta ainda distante. Há, é imperativo reconhecer, vários esforços sendo feitos para tentar concretizar o princípio constitucional. Um deles é a curricularização da extensão¹. Mesmo que o primeiro objetivo da extensão seja levar para a sociedade um pouco do conhecimento que a universidade produz, com dinheiro público, para o aluno que participa de qualquer projeto ou programa de extensão há também um inegável ganho de formação. A extensão é um caminho de mão dupla: quem ensina também aprende.

Se onde é mais fácil viabilizar a indissociabilidade, a extensão, as coisas não são simples, fazer da pesquisa parte integrante do ensino e sobretudo do ensino de graduação é um desafio ainda maior. A maioria dos graduandos geralmente realiza o seu primeiro movimento efetivo como pesquisadores quando estão elaborando os seus Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC. Isso ocorre apenas no final do curso e não resolve o desafio de fazer da pesquisa uma prática cotidiana, integrada com o ensino.

A maturidade intelectual dos alunos é um problema adicional que afeta mais a pesquisa. Alunos com a formação intelectual fornecida pelo curso estão, em geral, aptos a fazer extensão com competência. Fazer pesquisa demanda muito mais maturidade acadêmica.

Assim, uma das opções para oferecer experimentos de pesquisa é considerar que o processo é mais relevante que o resultado, que o principal ganho da pesquisa na graduação é a própria formação dos alunos, como pesquisadores. Na extensão, a atividade é em si efetiva sem perder o caráter formativo; na pesquisa, em geral ela é formativa, mas pouco efetiva. Os resultados não são tomados pela academia como relevantes.

Este é o escopo dos desafios postos: o TCC é tardio e produz resultados pouco reconhecidos; pesquisa exige maior maturidade intelectual que extensão; não há atividades de pesquisa permanentes no processo de formação dos alunos. E, no entanto, a Constituição é clara ao afirmar o caráter formativo da pesquisa. O conceito está inscrito no princípio da indissociabilidade. Por isso, por mais difícil que seja, é preciso incorporar a atividade no cotidiano formativo dos alunos.

Algumas das possibilidades de trazer a pesquisa para o cotidiano formativo dos alunos, além do TCC, são: 1) demandando dos alunos inclusive como parte da avaliação a produção de artigos científicos; 2) organizando um seminário sobre temas específicos; 3) abrindo espaços em grupos de pesquisa, ao longo da disciplina; 4) propondo e mantendo projetos de Iniciação Científica - IC. No primeiro e no segundo casos, as iniciativas são frágeis

¹ Segundo cartilha da Universidade Federal de Alagoas, a curricularização da extensão se sustenta em diversas normas legais: a própria Constituição, a Lei de Diretrizes de Bases e o Plano Nacional de Educação, especialmente a meta 12.7, que estabelece o objetivo de “assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária, orientando sua ação, prioritariamente, para áreas de grande pertinência social”.

metodologicamente, com pouca orientação e com resultados de consistência duvidosa. No terceiro e quarto casos, há limites de inclusão de alunos e poucos podem participar de fato. É preciso tentar um caminho diferente.

Este artigo pretende apresentar uma possibilidade de prática da pesquisa em sala de aula, com a produção de dados relevantes e com o envolvimento ativo dos alunos em todas as fases da pesquisa, incluindo a elaboração do problema de pesquisa. A experiência a que me refiro foi a organização de produção de dados quantitativos (*survey*) de forma colaborativa, colocando toda a turma no mesmo processo, com funções e responsabilidades diferentes, mas todos operando pela construção e análise do mesmo banco de dados. Os resultados foram analisados de forma autônomas, em relatórios específicos elaborados em grupos, cada um com recortes exclusivos.

Nas próximas páginas a metodologia utilizada, a organização das equipes e todos os passos dados no processo serão detalhados.

2 ADORNO QUANTITATIVO

O trabalho foi organizado em duas turmas de Teoria da Comunicação II, cada uma com cerca de 40 a 45 alunos de segundo ano. Os objetivos da pesquisa sobre posicionamento político e gosto musical, realizada pelos alunos do segundo ano do curso de Comunicação da Universidade Federal do Paraná, em 2017, sob minha orientação, eram dois:

1) testar algumas hipóteses da Escola de Frankfurt sobre o papel ideológico da arte, sobretudo do filósofo alemão Theodor Adorno. Em *Dialética do esclarecimento* (1985), o autor afirma que a Indústria Cultural tem um caráter conservador e regressivo. Em última instância, o objetivo da indústria cultural é reproduzir a sociedade e as suas relações desiguais, é dar uma sensação de conforto a todos os cidadãos, enquanto o sistema econômico se perpetua, bem como as suas iniquidades. Diz o autor:

O efeito de conjunto da Indústria Cultural é o de uma antidesmistificação (...). Nela, como Horkheimer e eu dissemos, a desmistificação, a saber a dominação técnica progressiva se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher a sua consciência. Ela impede a formação de indivíduos autônomos independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente. (in COHN, 1975, 295)

Desta perspectiva, se Adorno estiver certo, as pessoas que mais ouvem músicas que tocam nas grandes rádios de massa tenderiam a ser as mais conservadoras, as mais resistentes às mudanças sociais e econômicas, as mais presas à tradição. A pesquisa queria testar essa hipótese, mas também pretendia mensurar se ecletismo musical tinha alguma relação com conservadorismo político.

2) o segundo objetivo era oferecer aos alunos uma experiência completa de realização de pesquisa quantitativa (*survey*) online. Isso implicava envolvê-los desde a discussão dos pressupostos da pesquisa, passando pela elaboração das questões, aplicação de pré-teste, ajustes no instrumento de pesquisa, coleta e posterior tratamento de dados e elaboração de relatório de pesquisa. Havia uma outra função, não intrinsecamente ligada à pesquisa em si, mas necessária para ela: a organização da divulgação do formulário, criando identidade visual para tanto e formulando uma estratégia, em redes sociais, para atingir os nossos respondentes pretendidos.

Com esse procedimento, a intenção era vivenciar todo o processo com a turma, ainda que cada um deles participasse, efetivamente, apenas de uma fase. Foram definidas as equipes

de até 7 alunos e cada um deles dentro do grupo teria uma função específica. No dia 27 de março de 2017, começamos a organização das equipes, com a divulgação das instruções básicas de formação dos grupos e com a definição do papel de cada função específica, no grupo do *Facebook* da disciplina de Teoria da Comunicação II.

Indiquem aqui os grupos para a pesquisa sobre perfis de consumo cultural e perfis ideológicos. Sigam as instruções:

- 1) cada grupo deve ter de cinco a sete pessoas;
- 2) as pessoas terão funções distintas no grupo e vão trabalhar com membros de outros grupos;
- 3) vocês devem indicar os membros e suas funções;
- 4) os grupos podem ter pessoas das duas turmas.

As funções são as seguintes: 1) Formulador; 2) Criador; 3) Disseminadores (até dois); 4) Tratadores de dados (até dois); 5) Relator. Depois do nome das pessoas do grupo, indiquem o número da função. As atividades e formas de avaliação de cada participante serão as seguintes:

Formulador: terá pelo menos uma reunião fora da disciplina para discutir o questionário. Deverá também buscar leituras sobre a relação entre música e política e outras pesquisas semelhantes e devem apresentar a proposta final de questionário para a turma.

Criador: este grupo, a partir do questionário, vai propor uma campanha para divulgar a pesquisa, tanto textos quanto peças gráficas. Eventualmente, pode propor peças de vídeo e áudio. Vão produzir as peças.

Disseminadores: farão pesquisa de grupos onde podemos divulgar a pesquisa, alimentarão a fanpage, responderão dúvidas, monitorarão resultados. A proposta é ter grande volume de ações em rede em um espaço curto de tempo, restringindo o tempo de aplicação a uma semana, no máximo duas.

Tratadores de dados: devem limpar a base de dados e gerar gráficos com dados desagregados. Farei um treinamento básico de SPSS, fora do horário de aula, para este grupo. Não vou muito fundo no programa porque também tenho um conhecimento bem limitado.

Relator: será o responsável pela redação do relatório final com análise de dados, bem como pela entrega para mim.

Todos serão avaliados pela atividade específica (1,0) e pelo relatório final (1,0), que caberá ao relator mas deve expressar análise de todo o grupo.

Foram agendadas reuniões por grupos começando pelos formuladores do instrumento de coleta. A concepção geral da pesquisa foi debatido em sala com toda a turma, à luz dos textos da disciplina. Portanto, coube aos formuladores construir junto com o professor um instrumento que permitisse que a concepção de pesquisa se convertesse num conjunto de perguntas práticas. Os alunos foram estimulados a, por exemplo, definir todos os gêneros musicais minimamente relevantes para os nossos pesquisados. Também foram responsáveis por definir quais as questões políticas eram as mais relevantes, partindo dos princípios do diagrama de Nolan².

² O diagrama de Nolan considera que o posicionamento político tem relação com o papel do Estado na sociedade. Elaborado por David Nolan, utiliza duas categorias: a atividade econômica e a atividade pessoal. O Estado pode restringir ou liberar a vida pessoal, em temas como consumo de drogas, sexualidade, etc. Também pode ter papel mais interventor na economia ou menos. O posicionamento ideológico de pessoas, partidos e outras organizações pode ser definido em torno destes eixos. Disponível em: <http://diagramadenolan.org.br/o-que-e-o-diagrama-de-nolan?locale=pt#entendendo_as_variaveis>. Acesso em: 02 mar. 2018.

Basicamente, as questões utilizadas na pesquisa para definir o posicionamento ideológico dos respondentes seriam sobre o papel do estado e direitos civis. Por sugestão de um dos formuladores também incluímos uma questão sobre a forma como os jovens escutam música, posteriormente esses dados se mostrariam muito relevantes.

Os formuladores também deveriam aplicar o pré-teste, apresentar resultados em reunião do grupo e ajustar o questionário. Cabe aqui mostrar o tipo de orientação que eles recebiam em reuniões de grupo com o professor e também por escrito no grupo da disciplina no *Facebook*, a título de ilustração sobre como ocorreu todo o processo. Veja abaixo o *post* de 14 de maio de 2017:

Esta é a versão ajustada (do formulário) a partir da discussão em sala. Até quarta, vocês podem criticar, apontar falhas, sugerir ajustes. Quinta e sexta, cada formulador deverá aplicar dois pré-testes cada. Expliquem o que é a pesquisa, sem dizer que pretendemos cruzar cultura e política. Digam que é sobre consumo de música e opiniões sobre temas contemporâneos, entreguem a folha para a pessoa responder e não fiquem muito perto para não constranger a resposta. Garantam que será anônimo. Depois perguntem se o questionário está adequado, se alguma questão ficou duvidosa, se alguma está incompleta, se sete categorias musicais foram suficientes. Mensurem o tempo para responder e anotem tudo para o fechamento do formulário. É isso. Bom trabalho.

Mesmo fazendo o pré-teste, cometemos alguns erros básicos como a não inclusão de *jazz* na lista de ritmos musicais.

Uma vez finalizado o questionário e programado no *Google Form*, entrou em ação o grupo de criadores. A campanha, a ser divulgada nos grupos de aficionados por música no *Facebook*, tardou bastante a ficar pronta.

A próxima fase era organizar os disseminadores, que fariam a divulgação da pesquisa em rede. Já tinham recebido a incumbência prévia de mapear na internet, sobretudo no *Facebook*, pessoas que se organizassem em torno de gêneros musicais, seja em *fanpages* ou grupos. Com as peças de divulgação prontas e o questionário programado no *Google Form*, lançamos a pesquisa e os resultados em termos de coleta foram absolutamente surpreendentes.

O objetivo inicial, que atenderia ao propósito de ensinar aos alunos algumas noções básicas do que é fazer pesquisa e produzir uma quantidade aceitável de dados, era atingir cerca de 1000 respostas. O formulário foi aberto no fim da tarde (quase 18 horas) do dia 5 de junho de 2017. Antes das 20 horas, já tínhamos atingido mil respostas e antes das 22 horas já tínhamos 3 mil. À meia-noite já tínhamos 5 mil e atingimos 6 mil às 8 horas do dia seguinte. A primeira manhã foi fraca (horário de aula dos alunos), mas de tarde o processo se acelerou novamente. No final do segundo dia, já tínhamos superado a marca de 10 mil respostas e, no dia seguinte, no começo da tarde, quando atingimos 12700 respostas fechamos o questionário. No total, não chegamos a 48 horas de aplicação. O plano inicial era manter o formulário aberto por até duas semanas.

3 TRATANDO OS DADOS

No tratamento de dados, eliminamos as respostas incompletas e todas aquelas que tinham indicado mais do que oito gêneros musicais. O limite informado na questão era de sete, mas optamos por manter até quem indicou oito. Também eliminamos todos que indicaram mais do que cinco formas de ouvir música. O limite estabelecido na questão era de três, mas optamos por ampliar este número quando percebemos que as pessoas ouvem música

por caminhos muito diversos. Com essas eliminações do banco de dados ficamos com 10356 respostas, um número bastante expressivo.

Era previsível que acontecesse o efeito bolha das redes sociais, que alunos universitários divulgando uma pesquisa acabassem atingindo sobretudo um público que se parece com eles. Os dados ao lado comprovam que isso aconteceu. O maior percentual de respondentes foi na faixa dos 17 aos 23 anos, exatamente a idade dos estudantes universitários.

TABELA 1 - EFEITO BOLHA: IDADE

Idade			
	Respostas	Percentual	Acumulado
12 a 16	1180	11,4	11,4
17 a 23	6530	63,1	74,4
24 a 30	1382	13,3	87,8
31 a 40	642	6,2	94,0
41 a 50	324	3,1	97,1
51 ou mais	298	2,9	100,0
Total	10356	100,0	

Fonte: autor

TABELA 1 - EFEITO BOLHA: INSTRUÇÃO

Instrução			
	Respostas	Percentual	Acumulado
Primeiro grau completo ou incompleto	1285	12,4	12,4
Segundo grau completo	2186	21,1	33,5
Graduação incompleta	4606	44,5	78,0
Graduação completa	1390	13,4	91,4
Pós-graduado	889	8,6	100,0
Total	10356	100,0	

Fonte: autor

Outro dado que confirma o efeito bolha é o grau de instrução dos respondentes: 44,5% são estudantes universitários, um número muito maior que o percentual de graduandos na sociedade.

A amostra, portanto, não foi estratificada, por idade, formação, gênero, etnia e renda, pois optamos por manter no banco todos os dados. Era possível estratificar o banco posteriormente à aplicação, como foi feito pelo Perfil do Jornalista Brasileiro (MICK e LIMA, 2013). E por que não estratificamos desta forma? Porque para comparar o posicionamento de quem ouve rock com o posicionamento de quem ouve gospel, por exemplo, não é necessário que as amostras sejam proporcionais. Interessa apenas o que um grupo pensa comparado com a visão do outro. Só seria necessário estratificar se a pesquisa pretendesse responder quais são as médias de posicionamento ou as médias de gosto musical da população, o que não é o

caso. Os dados, portanto, não permitem dizer quais são as preferências musicais da população brasileira, mas permitem comparar o posicionamento e mesmo os hábitos de consumo de música de segmentos distintos. Por isso, não estratificamos o banco a posteriori.

O tratamento de dados foi feito em SPSS³. Com os dados devidamente tratados, os tratadores dos grupos receberam o banco completo uma breve orientação sobre como usar o SPSS. Coube a eles discutir com o grupo quais eram as questões mais relevantes a serem formuladas. Era possível, por exemplo, cruzar o posicionamento de mulheres sobre aborto comparado com os homens, mas também o posicionamento de quem ouve gospel ou sertanejo com o posicionamento de quem ouve o *rock and roll* ou *blues*. Cabia ao tratador não apenas definir com a equipe quais eram as questões mais relevantes, levando em conta a viabilidade de obter respostas, mas também gerar os gráficos que respondessem às perguntas.

Por fim, coube aos relatores produzir o relatório final de cada grupo, contando todo o processo de construção da pesquisa, discutindo as opções metodológicas e analisando os dados. Neste ponto deixamos claro que uma pesquisa quantitativa não é autoexplicativa, que os dados fornecem pistas, mas que é necessário interpretá-los. Muitas vezes, eles são mais o ponto de partida para uma nova questão do que a resposta propriamente dita.

4 ANALISANDO OS DADOS

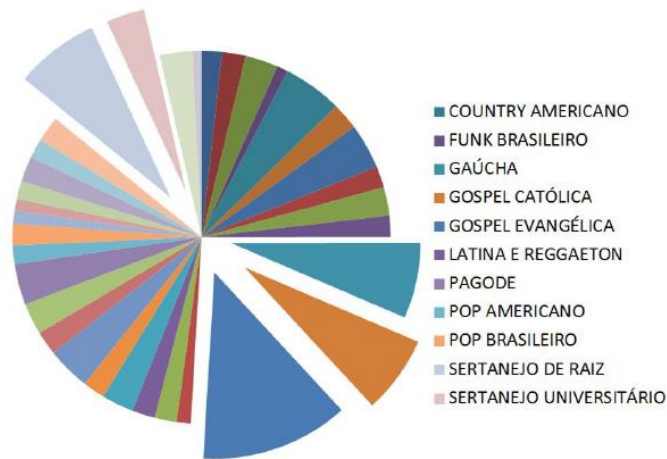
Com as imensas possibilidades de estratificações, os alunos testaram hipóteses, como a relação entre a posição sobre a legalização da maconha e a preferência pelo reggae ou a posição de diferentes grupos em relação ao programa bolsa família ou sobre a união homoafetiva. Em geral, os gêneros mais conservadores foram os gospel (evangélico e católico), com os evangélicos liderando o ranking do conservadorismo, o sertanejo raiz e a música gaúcha. Os dados apontam claramente para um posicionamento muito marcado pela idade, nos gêneros massivos. Nos gêneros como o rock e o blues, mesmo com faixas etárias mais altas, os posicionamentos tendem mais à esquerda ou ao libertarianismo, segundo o diagrama de Nolan.

O gráfico abaixo, de um dos grupos, mostra claramente o posicionamento dos gêneros em relação aos direitos civis. Na análise dos alunos, “os gêneros musicais considerados mais conservadores são gospel católica e evangélica, gaúcha e sertanejo raiz.”

³ Programa de tratamento estatístico da IBM.

GRÁFICO 1 - UNIÃO HOMOAFETIVA POR GÊNERO MUSICAL

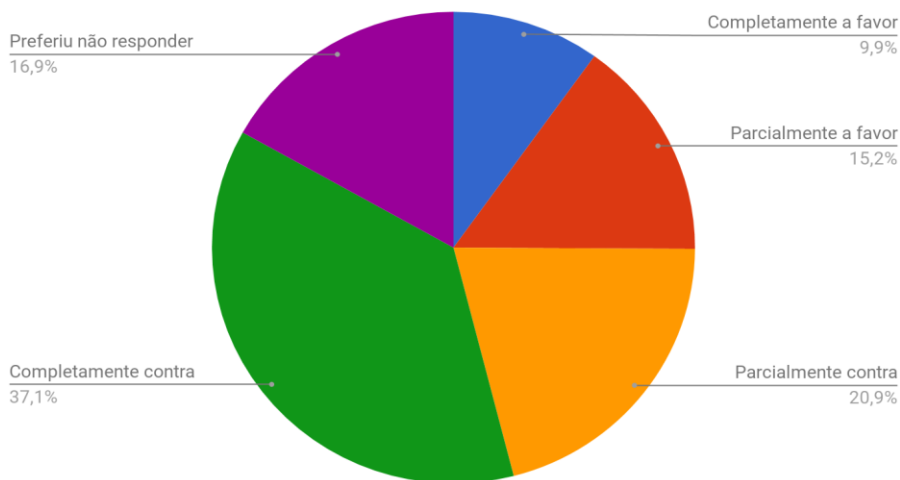
Desagregação 4
PORCENTAGEM DE CONTRÁRIOS À UNIÃO HOMOAFETIVA ANALISADOS
POR GÊNERO MUSICAL



Fonte: autor

GRÁFICO 2 - POSIÇÃO DOS METALEIROS SOBRE PRIVATIZAÇÃO

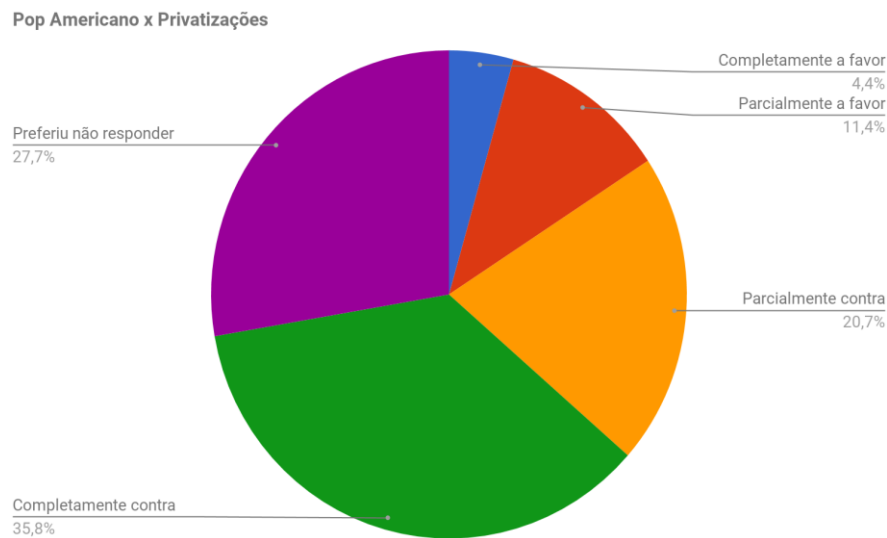
Metal x Privatizações (Total: 1217)



Fonte: autor

Outro grupo analisou o posicionamento comparado de quem ouve *heavy metal* com o de quem ouve *pop* americano e percebeu sutis diferenças. Os metaleiros são mais contrários à privatização de empresas públicas, talvez até pelo recorte de idade dos gêneros, descobriu que os metaleiros são 58% contrários e os ouvintes de *pop* são 56,5% contra, mas que há um índice muito maior de favoráveis entre os metaleiros que entre os ouvintes de *pop* (25,1% contra 15,8%).

GRÁFICO 3 - POSIÇÃO DOS FÃS DE MÚSICA POP SOBRE PRIVATIZAÇÃO



Fonte: autor

A questão que foi sugerida por um aluno, em sala de aula, se revelou uma das mais relevantes do questionário, ainda que totalmente alheia aos objetivos iniciais. Ao questionar sobre a forma como as pessoas ouvem música, obtivemos possibilidades de análise muito reveladoras.

Primeiro, observamos uma hegemonia do *streaming*, seja via *YouTube* (82,3%), seja via *Spotify*, *Deezer* e outros (73,4%). No entanto, nas desagregações encontramos regularidades muito interessantes. Primeira, podemos localizar a geração que consome vinil e os gêneros onde está acontecendo o revival do disco: achamos o nicho exato de consumo.

93

5 CONCLUSÃO

É evidente que uma experiência como esta tem seus limites, que ela serve apenas como um aperitivo e não vai, sozinha, formar pesquisadores, mas ela coloca a produção de dados numa perspectiva realística. No final, o resultado, até neste sentido, foi melhor que o esperado, pois com 10356 respostas o banco é muito respeitável, com dados que expressam mais adequadamente os posicionamentos dos respondentes do que as mil respostas pretendidas no começo. Uma simulação, cujo valor era mais oferecer uma experiência do que produzir dados, acabou produzindo de fato dados relevantes.

Em geral, o engajamento dos alunos neste tipo de vivência é mais autêntico do que em outras, como por exemplo a produção de artigos. Nestes casos, muitos buscam apenas cumprir uma demanda do professor para obter uma nota. Não que não tenha acontecido isso neste caso, mas o engajamento efetivo da turma era muito maior, sobretudo na aplicação, quando não apenas os disseminadores se empenharam, mas vários outros alunos, voluntariamente, sem receber nota para isso. Todos queriam ver o banco de dados crescer.

A experiência se mostrou mais rica e, claro, não é a solução para a indissociabilidade, muito mais dependente de políticas institucionais, mas é preciso adotar o espírito que moveu este experimento e assumir o desafio de fazer pesquisa em sala de aula, produzir pesquisa científica e, ao mesmo tempo, contribuir com a formação acadêmica dos nossos alunos, quem sabe despertando pesquisadores no futuro.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CARONE, Iray. **Fascismo on the air**: estudos frankfurtianos sobre o agitador fascista. In Revista Lua Nova, nº 55-56, p. 195-217, São Paulo, 2002.
- COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Nacional, 1975.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- FEDERAL, SENADO; VANHONI, Ângelo. **Plano Nacional de Educação**. Brasília: Senado Federal, UNESCO, 2001.
- GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. **Perspectiva**, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 2015.
- LYRA, Eduardo Silvio Sarmiento; SANTOS, José Roberto; LIRA, Sandra Lúcia dos Santos; SILVEIRA, Carla Maritza Brum, SOUSA, Sandra Santana Xavier. **Guia para curricularização da extensão na UFAL**. UFAL, 2016.
- MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2013.
- ORTIZ, Renato. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. **Revista Brasileira de Ciências sociais**, v.1, n.1, p. 43-65, São Paulo, 1986.
- PEIXOTO, Luiz Antônio da Silva. Marcuse: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, vol. 11, nº 1, pp. 156-180, 2011.